

O PAÍS DAS MULHERES: RECRIAÇÃO DA MATERNIDADE E PERFORMANCES DE GÊNERO NA UTOPIA FEMINISTA DE GIOCONDA BELLI

Maria Zélia Oliveira Ferreira Santos (UFSJ)¹

Adelaine LaGuardia Nogueira (UFMG)²

RESUMO

O presente trabalho parte de uma pesquisa em andamento que tem como *corpus* a obra da escritora nicaraguense Gioconda Belli, intitulada *O país das mulheres* (2011). Neste artigo, analisamos como a escritora concebe uma crítica feminista a partir do recurso à utopia como forma de reflexão sobre dilemas que circundam a situação da mulher contemporânea. Para tanto, realizamos uma abordagem dos conceitos teóricos relativos à utopia, a partir de Claeys (1999) e, mais especificamente, sobre a utopia feminista, discutida por Funck (1993; 1998). A partir da discussão sobre o gênero literário, examinamos a recriação do conceito de maternidade na narrativa, dialogando com as considerações presentes em Badinter (1985), Stevens (2006) e Perez (2019), levando em conta aspectos de gênero descritos como “atos performativos” por Butler (2018).

PALAVRAS-CHAVE: Utopia; Maternidade; Feminismo; *O país das mulheres*

¹ Mestranda em Teoria Literária e Crítica da Cultura pelo Promel - Programa de Mestrado em Letras da UFSJ. Graduada em Letras - Língua Portuguesa e suas Literaturas pela Universidade Federal de São João del-Rei (2020) e graduada em Letras - Língua Inglesa e suas Literaturas pela mesma universidade (2021).

² Mestre em Inglês e Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais. Colaboradora do Programa de Mestrado em Letras: teoria literária e crítica da cultura na Universidade Federal de São João Del-Rei. Possui diversos artigos publicados no Brasil e no exterior. Traduziu: *Da Diáspora: Da diáspora, identidades e mediações culturais*, de Stuart Hall (2003) pela Editora da UFMG.

ABSTRACT

This work is part of an ongoing research project whose corpus is the work written by Nicaraguan writer Gioconda Belli, titled *O País das Mulheres* (2011). We analyze how the writer conceives a feminist critique based on the use of utopia as a way of reflecting on the dilemmas that surround the situation of women in the Latin American context. We explore the theoretical concepts related to utopia, from Claeys (1999) and, more specifically, the feminist literary review of traditional utopia, as discussed by Funck (1993; 1998). Following the discussion on the literary genre, we analyze the narrative's recreation of the "motherhood" concept, dialoguing with considerations present in Badinter (1985), Stevens (2006) and Perez (2019), and taking into account aspects of gender described as "performative acts" as proposed by Butler (2018).

KEYWORDS: Utopia; Maternity; Feminism; *O país das mulheres*

Declaramos que nossa ideologia é o “felicismo”: fazer com que todos sejamos felizes, vivamos com dignidade, com liberdade irrestrita para desenvolver todo o nosso potencial humano e criador, sem que o Estado restrinja nosso direito de pensar, dizer e criticar o que quisermos.

(Gioconda Belli, 2011)

INTRODUÇÃO

Virginia Woolf, em seu famoso ensaio intitulado *Um teto todo seu* (2019) e *Profissões para mulheres* (2019), discorre sobre o lugar ocupado pela mulher escritora e como essa posição é capaz de elucidar tanto a capacidade de escrita das mulheres quanto retratá-las verdadeiramente, fora de uma visão masculina. A tarefa incessante de “matar a mosca” e “o anjo do lar” parece ter sido alcançada pelas escritoras mulheres que, a partir desse feito, conseguiram traçar novos rumos para a literatura, até então, majoritariamente produzida por homens. Com o desenvolvimento e consolidação da escrita de mulheres, principalmente em seu cunho social e político, cresce no século XX a tendência a construções narrativas críticas em relação às questões políticas e de gênero, cujos enredos exporiam a opressão masculina sobre as mulheres, problematizariam o machismo em suas diversas manifestações e contariam com a presença de personagens femininas fortes e subversivas. Com isso, como pontuam Funck (1998) e DuPlessis (1985), a narrativa utópica seria uma das diversas táticas de escrita que contariam o “depois do fim” das histórias tradicionais criadas pelos homens. Os textos utópicos operariam a ruptura de certos gêneros narrativos tradicionais, despertando assim a consciência acerca das mulheres. Esse tipo de escrita descarta o fechamento narrativo do tipo casamento/morte; constrói a trama de uma busca, em lugar da trama de amor; contrasta a protagonista coletiva com a protagonista individual, e utiliza gêneros tais como a ficção científica, a fantasia e a utopia.

Para Pasold (1999), a utopia seria uma forma literária que descreveria “um mundo perfeitamente organizado e feliz do ponto de vista do autor; em um lugar e/ou tempo imaginário” (p. 18-19).³

³ No original: that literary piece which describes a perfectly organized and happy world from the point of view of the author, in an imaginary place and/or time. (Todas as traduções do inglês para o português são de nossa responsabilidade).

O recurso à utopia como construção narrativa foi e ainda é uma forma de se discutirem novos modos de organização social, bem como refletir sobre as próprias formas de organização vigentes no contexto de inserção da obra. Cranny Francis pontua que a ficção genérica feminista:

não é simplesmente ficção genérica masculina com heroínas femininas contando histórias sobre opressão (...). Ficção genérica feminista é uma revisão radical de textos de gêneros conservadores, a qual avalia criticamente a importância ideológica de convenções textuais e da ficção como prática discursiva (CRANNY-FRANCIS, 1990, p. 9-10, apud FUNCK, 1998, p. 14, tradução nossa).⁴

Deste modo, ao criar universos onde novas organizações políticas e sociais são possíveis, onde conceitos como ciência, biologia, cronologia, maternidade e gênero não precisam seguir seu curso “natural”, as escritoras utópicas têm a possibilidade de ampliar esse leque de revisões que a ficção genérica feminista se propôs a fazer.

Já para Gregory Claeys, a utopia se define nos seguintes termos:

a projeção imaginativa, positiva ou negativa, de uma sociedade substancialmente diferente daquela em que vive o autor. A palavra utopia ou *outopia* foi derivada do grego e significa “nenhum (ou não) lugar” (u ou ou, não, não; *topos*, lugar). Thomas More (1478–1535), inventor da palavra, fez um trocadilho com a eutopia, ou lugar bom, e desde então adicionamos distopia, ou lugar ruim. Assim, a característica primária da utopia é sua inexistência combinada com um *topos* - uma localização no tempo e no espaço - para dar verossimilhança. Além disso, o local deve ser reconhecidamente bom ou ruim para o leitor pretendido. Toda ficção descreve um não-lugar; a ficção utópica geralmente descreve não-lugares bons ou ruins. (...) Como gênero literário, a utopia se refere a obras que descrevem uma sociedade imaginária em alguns detalhes. O pensamento utópico interpretado de forma mais ampla, no entanto, não se restringe à ficção e inclui escritos visionários, milenares e apocalípticos, bem como constitucionais, unidos por sua vontade de imaginar uma forma dramaticamente diferente de sociedade como um tipo ideal social ou sua inversão negativa (CLAEYS, 1999, p. 1).⁵

⁴ ...is not simply masculinist generic fiction with female heroes telling stories of oppression (...) Feminist generic fiction is a radical revision of conservative genre text, which critically evaluates the ideological significance of textual conventions of fiction as a discursive practise.

⁵ Utopianism generally is the imaginative projection, positive or negative, of a society that is substantially different from the one in which the author lives. The word *utopia* or *outopia* was derived from Greek and means “no (or not) place” (*u* or *ou*, no, not; *topos*, place). Thomas More (1478–1535), inventor of the word, punned on *eutopia*, or good place, and we have since added *dystopia*, or bad place. (...) As a literary genre, utopia refers to works that describe an imaginary society in some detail. Utopian thought construed more widely, however, is not restricted to fiction and includes visionary, millenarian, and apocalyptic as well as constitutional writings united by their willingness to envision a dramatically different form of society as either a social ideal-type or its negative inversion.

O romance *O país das mulheres* (2011), obra da escritora nicaraguense Gioconda Belli, se enquadra nesse conceito, uma vez que o enredo apresenta um país fictício onde se instauram formas de organização social e política inusitadas, cuja finalidade é construir uma nação guiada por um governo feminista, composto apenas por mulheres, que repararia a desigualdade de gênero e a opressão sobre estas.

Para Funck (1993), as utopias feministas devem ser analisadas de forma não apenas a considerar-se o lado fantasioso, mas sim como se dá o despertar da consciência das mulheres para novas formas de mudança de si mesmas. As utopias de mulheres põem em xeque não somente os já existentes arranjos políticos, o senso comum, os mitos e estereótipos acerca da mulher, mas muitas vezes propõem sociedades inéditas, em que a condição das mulheres é invertida e empoderada e universos radicalmente inversos são imaginados, nos quais as mulheres adquirem poder, são independentes dos homens e vivem em harmonia com a natureza. Sobretudo, essas narrativas imaginam universos nos quais as mulheres alcançam a felicidade plena, tal como vemos na citação que introduz este trabalho.

Ao analisar as características de narrativas utópicas feministas, Funck (1993; 1998) escolhe aquelas que datam os entornos dos anos 70 e constata nelas algumas tendências na construção desses universos imaginados, tendências essas que se enquadrariam num percurso que iria desde “a negação da maternidade enquanto predisposição ‘natural da mulher’, até um mundo ecofeminista só de mulheres, onde o poder feminino reside exatamente na identificação da mulher com a ‘mãe-natureza’.” (FUNCK, 1993, p. 38). Em geral, tais narrativas são situadas em novos planetas ou ilhas contextualizadas em períodos de tempo deslocados, nos quais a constituição biológica das personagens não segue a distinção dicotômica mulher/homem ou a reprodução e nascimento de novos indivíduos não ocorrem da forma como conhecemos.

Diferentemente desse estilo predominante nos anos 70, a narrativa *O país das mulheres* não constrói a utopia a partir do deslocamento radical de elementos temporais e espaciais. Toda a trama se desenvolve em um tempo não definido em um pequeno país fictício localizado na América do Sul chamado Fágua, em que um vulcão entra em erupção, liberando substâncias tóxicas que diminuem a testosterona nos homens. Tal fato motiva um grupo de moradoras a criar um partido, o PEE - Partido da Esquerda Erótica, integralmente composto por mulheres que se propõem a concorrer à presidência da república.

No que diz respeito às categorizações de Claeys (1999) sobre os tipos de utopia, a obra em questão parece se encaixar no modelo de “utopia de artifício humano”, caracterizada por firmar sua existência fora de um fator sobrenatural, de modo que surge da vontade do ser humano de se criar um mundo melhor. Ainda dentro dessas categorizações, existem outras subdivisões ou tipos de utopia. Sobre estas, é possível considerar que a composição da obra *O país das mulheres* se enquadra como uma combinação de utopia satírica e utopia crítica, na medida que esses dois conceitos são definidos pelo autor, respectivamente, como:

Utopia satírica - uma utopia em que o autor pretende que o leitor contemporâneo veja a como uma crítica da sociedade existente. (...)
Utopia crítica – uma utopia em que o autor pretende que o leitor contemporâneo considere melhor a sociedade contemporânea, com seus difíceis problemas, os quais a sociedade descrita pode ou não ser capaz de resolver, e que tem uma visão crítica sobre o gênero utópico (CLAEYS, 1999, p. 2, tradução nossa).⁶

Com a erupção vulcânica no país de Fáguas, a população masculina se torna passiva, sem energia e até mesmo sexualmente impotente. A deficiência biológica masculina é um elemento presente em várias utopias feministas, a exemplo de *O conto da aia*, de Margaret Atwood. Tal evento faz com que um grupo de mulheres do PEE proponha, com ousadia, a construção de um cenário político jamais visto anteriormente no pequeno país sul-americano, no qual prevaleceriam valores feministas. A utopia em *O país das mulheres* não ocorre devido apenas a um universo imaginado em que fatores não convencionais tomam forma pela liberdade imaginativa que o gênero utópico possibilita. O vulcão, fenômeno geológico que traz o irreal à obra, não é necessariamente o fator gerador da utopia, mas sim um gatilho a desencadeá-la. A utopia, ao contrário, será construída a partir de uma agenda política criada por essas mulheres. Fáguas não é um planeta ou ilha distante onde as pessoas são diferentes do mundo atual, mas sim um microcosmo criado para representar um país com as mesmas características de um país latino-americano de pequeno porte como a Nicarágua, de onde a autora se origina. Sendo assim, é pertinente analisar a obra tanto como uma utopia satírica, à medida que ela promove uma crítica carregada de humor

⁶ No original: *Utopian satire*—a utopia that the author intended a contemporaneous reader to view as a criticism of the existing Society. (...) *Critical utopia*—a utopia that the author intended a contemporaneous reader to view as better than contemporary society but with difficult problems that the described society may or may not be able to solve, and which takes a critical view of the utopian genre

sobre a sociedade atual, e também como utopia crítica, uma vez que, com o simples deslocamento geográfico ficcional, faz-se uma reflexão sobre os problemas da sociedade contemporânea, propondo formas de mudanças.

UMA CAMPANHA ELEITORAL PERFORMÁTICA

Uma das características pelas quais se considera a obra uma utopia satírica é pelo tom recorrente do humor e do absurdo que a acompanha do início ao fim. Além do nome inusitado, o PEE (Partido da Esquerda Erótica) possui propagandas e táticas de campanha incomuns. Uma dessas táticas é apropriar-se dos estereótipos femininos como estratégia para angariar votos. As componentes do partido decidem que um governo de mulheres, como vemos a seguir, deveria, então, assumir um “papel feminino” para chegar ao poder, como descrito abaixo:

Enfatizar tudo o que era considerado feminino e fazê-lo até o ridículo fora sua genialidade [genialidade da candidata]. Passamos muito tempo nos arrependendo de ser mulheres – dizia – e tratando de demonstrar que não somos, como se ser mulher não fosse nossa principal força, mas agora chega. Vamos pegar cada estereótipo feminino e levá-lo até às últimas consequências (BELLI, 2011, p. 39).

Para ilustrar as diversas ações que se baseariam nesse plano, destacam-se as propostas a seguir:

Primeira proposta de campanha publicitária

(...) Ações

1. Organizar falsas reuniões de demonstração de Tupperware para passar informações sobre o partido e para que as levem dentro dos potes.
2. Organizar chás de bebês falsos como desculpa para redigir os programas de governo.

(...) Campanha suja

Objetivo político: obter voto masculino.

Objetivo de comunicação: convencer os homens.

Alvo: Homens

Estratégia: Intervir nos espaços masculinos latino-americanos da mesma maneira objetual com que se coisificou a mulher na publicidade. 1. Utilizar o corpo da mulher como estratégia de persuasão. 2. Utilizar o amor, o carinho e o desejo para convencer (BELLI, 2011, p. 98-99).

Ao observarmos essas direções de campanha, podemos constatar que essas estratégias constituem roteiro inovador pelo qual as mulheres do partido deveriam se orientar em sua atuação política. A atração do corpo feminino inverte a convenção de que o corpo da mulher existe para satisfazer o homem, uma vez que é utilizado para o “convencimento” em prol dos interesses políticos da mulher. Nesse sentido, as ações calculadas devem recair sobre o que Judith Butler (2018) propõe como “atos performativos de gênero”. Para a autora, o gênero:

ao ser instituído pela estilização do corpo, deve ser entendido como a maneira cotidiana por meio da qual gestos corporais, movimentos e encenações de todos os tipos constituem a ilusão de um “eu” genericado permanente. Essa formulação desloca o conceito de gênero para além do domínio de um modelo substancial de identidade para um modelo que exige uma concepção de temporalidade social constituída. (...) Significativamente, se o gênero é instituído por atos internamente descontínuos, o aparecimento da substância é precisamente isso: uma identidade construída, uma realização performativa na qual a plateia social cotidiana, incluindo os próprios atores, vem a acreditar, além de performar como uma crença (BUTLER, 2018, p. 3).

Pensar o gênero como parte de um roteiro social repetido diariamente, que se cristaliza em uma existência supostamente natural, permite também refletir sobre como esses atos ou performances são usados culturalmente para acentuar diferenças e, conseqüentemente, como contribuem para a distribuição do poder e a manutenção do *status quo*. Percebe-se que os estereótipos do gênero feminino estão ligados principalmente a duas características: à objetificação sexual e ao contexto doméstico. No texto de Belli, as reuniões de demonstração de *Tupperware* (famosa marca de recipientes de conservação de alimentos) e os chás de bebês são locais socialmente associados ao feminino e, mais do que isso, ambientes que não são usualmente frequentados por homens, dessa forma, as mulheres se apropriam desses “locais de gênero” e os transformam em locais de luta política. A primeira ação está relacionada ao serviço doméstico – sobretudo à organização, limpeza e preparação de refeições cotidianas – e a segunda ação está relacionada à maternidade. Apesar de os dois ambientes serem totalmente compatíveis com a presença masculina, já que estes também podem participar do serviço doméstico e também podem ser pais, tios ou amigos dos pais do bebê homenageado pelo chá, Butler afirma que nossa organização sociocultural ou nosso “palco” separa muito bem os locais ou cenários a serem

convencionalmente ocupados por homens e por mulheres.⁷ Tanto a objetificação feminina quanto a associação ao ambiente doméstico explicitam algumas das situações pelas quais a opressão masculina se dá pela falsa ideia de que certas atividades seriam naturais a um gênero ou a outro. A sexualização do corpo feminino e sua suposta predisposição ao serviço doméstico partem de um princípio de inferiorização histórica que reduz o papel das mulheres às necessidades masculinas ou da família em detrimento de seu potencial cognitivo. Além disso, o corpo da mulher é posto como objeto de contemplação e prazer masculino até mesmo no contexto atual, haja vista a pujança da indústria pornográfica.

Apropriar-se dos estereótipos de gênero é mostrado como forma de subversão feminina, mas além disso, de forma ácida e cômica, Belli tece uma forte crítica sobre a construção da masculinidade. A narrativa se faz a partir da mistura de situações reais que permeiam a condição das mulheres e de soluções inusitadas ou mesmo bizarras para estas. Dentro dessas soluções, o humor é utilizado sem moderação, principalmente para zombar e ridicularizar a construção, aparentemente frágil, da figura masculina. No plano de campanha do partido, propõe-se até mesmo esconder o controle da televisão para que os homens sejam obrigados a assistir à propaganda política do PEE. Estes são retratados sempre como seres tolos e ingênuos diante do “poder de sedução feminino”. Na lógica do texto o poder está, portanto, associado à sedução e é o que garante às mulheres a possibilidade de se contrapor ao domínio masculino. *O país das mulheres* é praticamente uma história de vingança das mulheres contra os homens através do exercício da sedução. Esta é mostrada não como um ato reprovável, tal como aparece nos discursos feministas tradicionais, mas como “jogo”, como define Baudrillard (2008). Vale dizer que, no texto de Belli, esse jogo é realizado de modo debochado, colocando os homens em situações que confrontam sua masculinidade. Assim sendo, a sedução se torna, ela mesma, uma forma de simulação paródica pela qual as feministas de Fátuas garantem para si a possibilidade de exercer poder. Para Jean Baudrillard (2008, p.13) “a sedução representa o predomínio do universo simbólico, o poder está ligado apenas ao domínio do universo real.” É assim, através da exploração dos estereótipos como pertencentes aos sistemas simbólicos (e às ideologias) e não aos imaginários masculinistas (o real) que as mulheres se engajam na luta contra os próprios estereótipos tradicionais masculinos, de forma a “ludibriá-los” e

⁷ Um claro exemplo dessa organização encontra-se na lógica dos banheiros públicos, que separa homens e mulheres enquanto produz o gênero. Ver: PRECIADO, Paul Beatriz. *Lixo e gênero. Cagar/mijar, masculino/feminino*. <https://www.select.art.br/lixo-e-genero-mijar-cagar-masculino-feminino/> Acessado em 27/08/2021.

“convencê-los” politicamente, bem como enfraquecê-los para além da desvirilização apresentada na narrativa.

A MATERNIDADE UNIVERSAL

Outro ponto central que embasa o PEE diz respeito à maternidade e os dilemas de conciliá-la ao trabalho fora de casa.

Em sua busca por desmitificar o amor materno, Elisabeth Badinter constrói um vasto panorama temporal das relações de maternidade até se chegar à contemporaneidade no livro *Um amor conquistado: o mito do amor materno* (1985). No capítulo “A criança-estorvo”, a autora elucida como as relações econômicas se conectam diretamente às questões relativas ao cuidado parental desde a Paris do século XIII, estendendo-se até o século XVIII. Segundo Badinter, contratar amas de leite não era um hábito apenas das classes mais abastadas nos períodos destacados, mas também de boa parte de camponeses, jornaleiros e operários. A abertura de agências de amas data o século XIII, e as possibilidades de contratação desse serviço eram diversas, desde ter uma ama prestando serviços nas famílias abastadas, ou mesmo deixar a criança na própria casa da ama. O fato é que, com essas relações, a atividade materna começou a ser terceirizada nas mãos de outras mulheres, e, sendo essas amas de leite, “cada vez que uma mãe se recusa a amamentar seu bebê, duas crianças são privadas de leite materno” (BADINTER, 1985, p.65). Já a necessidade de contratação das amas pelas classes trabalhadoras se dava justamente pelo fato de que a criança seria um empecilho para o trabalho e, conseqüentemente, para a sobrevivência dessas pessoas, que eram tanto homens quanto mulheres que, comumente, trabalhavam junto ao marido. Como consequência, as amas viviam sobrecarregadas e muitas vezes perdiam seus filhos ou perdiam os filhos dos outros aos seus cuidados. Dessa forma, é possível refletir como o impasse entre o cuidado infantil e o trabalho se constituiu como antigo dilema social que recai, massivamente, sobre as mulheres. Terceirizar o cuidado e a alimentação da criança a outra mulher, segundo Badinter, era mais barato do que contratar um novo funcionário para substituir a mãe no negócio da família. As amas, além de mal pagas, deixavam de lado os cuidados com os próprios filhos e sofriam um desgaste físico intenso. A utopia construída por Belli (2011) reflete sobre esse impasse social e reconfigura o conceito de maternidade como chave para avanços nos âmbitos

público e privado, propondo que a maternidade, comparada a uma forma de “cidadania”, fosse partilhada entre homens e mulheres.

Um governo exclusivo de mulheres não significava apenas explorar estereótipos para obter votos. Tampouco criar slogans de campanha com esse fim, tal como “Se não lavarmos a corrupção, quem vai fazer isso?” (BELLI, 2011, p. 97). Significava, sobretudo, colocar mentes não masculinas para pensar um novo projeto de nação, ou seja, trazer as demandas de mulheres para o centro do debate político e mudar as políticas públicas que eram criadas mormente a partir das necessidades dos homens.

Em seu livro *Mulheres invisíveis: como os dados configuram um mundo feito para os homens*, Perez (2019) traz uma série de dados sobre diversos setores, como o mundo do trabalho, a organização urbana e a saúde, para defender a ideia de que a construção de leis, de espaços públicos ou de objetos do cotidiano resulta de uma lógica falocêntrica. Os números trazidos por Perez ressaltam como a construção, a partir dessa lógica falocêntrica, afeta diariamente a vida das mulheres, colocando-as em risco de morte, em posições de desvantagem no mundo do trabalho ou até mais suscetíveis a certos tipos de doenças. Esses detalhes, que muitas vezes passam despercebidos, são também responsáveis por aprofundar o abismo da desigualdade de gênero. Tendo isso em vista, é possível elucidar como a construção utópica criada por Belli concebe uma reflexão sobre demandas reais de mulheres e dialoga com a tese de Perez de que a inclusão de mulheres nos processos de construção da vida pública e não apenas privada é de extrema importância.

A primeira e mais drástica decisão tomada pelo governo do PEE foi afastar todos os homens dos cargos públicos e substituí-los por mulheres, inclusive a base militar. As mulheres, além de reinseridas no mercado de trabalho, seriam as únicas a dominar a esfera pública, enquanto aos homens restaria a função que, por hora, era ocupada majoritariamente por mulheres: cuidar da casa e dos filhos. Mudar o modelo de organização do trabalho, para o governo, era a ação chave para resolver diversos outros problemas, como posto a seguir:

A proposta do PEE tem seis aspectos fundamentais:

(...) b. Reformar o mundo do trabalho para acabar com a divisão família-trabalho.

(...) A questão do mundo do trabalho, como vocês já sabem, é uma obsessão minha. Creio que não existirá igualdade entre homens e mulheres enquanto não mudar o modelo de organização do trabalho, que pressupõe a separação do trabalhador de seu lar e, portanto, a existência de uma pessoa que cuide dos filhos e da casa (responsabilidade

que tradicionalmente foi assumida pela mulher). Como cuidar dos filhos e do lar sem que isso signifique desvantagens e a interrupção ou fim da vida profissional da mulher é o desafio ainda não resolvido da sociedade moderna (BELLI, 2011, p. 105-106).

Acabar com a polaridade família-trabalho significa também repensar a maternidade como “afazer” exclusivamente destinado às mulheres, uma função de trabalho não remunerado, que as afasta do trabalho formal e, assim, cria a dependência financeira destas para com seus parceiros. Por sua vez, a dependência financeira cria um cenário suscetível ao aprisionamento matrimonial, econômico, psíquico e à violência contra as mulheres. Repensar as noções de maternidade é, portanto, reconsiderar os modos de organização do trabalho e, conseqüentemente, a dependência feminina, que se mostra desencadeadora de diversos problemas aos quais as mulheres estão sujeitas. Para isso, o governo do PEE propõe “separar a associação automática mulher-maternidade e converter esse ofício num trabalho neutro” (BELLI, 2011 p. 106).

Converter a maternidade em “ofício neutro” se torna um objetivo político-cultural. Entre as estratégias para alcançá-lo, o texto sugere: estudar a maternidade como matéria escolar dirigida a crianças de ambos os sexos; criar *reality shows* que demonstrariam como os homens estavam se saindo na nova função doméstica; repensar os locais de trabalho, instalando neles creches e salas de amamentação, e até mesmo repensar a maternidade a partir de seus pressupostos mais corriqueiros, tais como “ninguém seria melhor para cuidar de seres humanos como uma mãe”. Sendo assim, cuidar de tudo e de todos a sua volta seria um ato cidadão não exclusivo das mulheres, exercício que o Partido da Esquerda Erótica denominaria “cidadania”:

(...) introduzir o conceito de *Ciudadania*, as e os cidadãos como *Ciudadãos*, como cuidadores da pátria – uma ideia que pegou emprestada de um grupo de feministas espanholas (“Ser cidadã é pagar impostos”, “Ser cidadã é melhorar o bairro”, “Ser cidadã é cuidar da saúde”).
(...) E assim foi. Conseguiram fazer com que muitos homens percebessem que não era uma má ideia cuidar do país como se ele fosse a casa de cada um (BELLI, 2011, p. 37).

O que acontece no país de Fátuas é uma espécie de deslocamento cultural para a recriação do conceito de maternidade. Este se desprende, então, das concepções de “natureza” feminina e passa a ser uma prática universal. Esse deslocamento é acompanhado por uma movimentação não só refletida em resultados práticos, como o

compartilhamento do trabalho doméstico entre homens e mulheres ou a volta destas ao mercado de trabalho, mas, principalmente, na mudança sobre a construção da masculinidade firmada na força e na violência. Assim, outra estratégia consiste em ensinar os meninos desde a escola que o afeto e o cuidado são também parte da formação de suas identidades e deveres como adultos. Isso inclui ainda a recriação de práticas de vivências infantis, que são também responsáveis por moldar valores e caráter na fase adulta.

A narrativa *O país das mulheres* (2011) reafirma a tendência utópica feminista de reflexões sobre a condição das mulheres dentro do contexto social e político em que estão inseridas. A obra, publicada em 2010, dialoga com alguns avanços conquistados em anos posteriores, em que a presença das mulheres nas diversas esferas políticas tornou-se uma questão relevante. A ocupação de mulheres nos espaços políticos, visando, principalmente, lançar luz sobre as necessidades coletivas faz total diferença para uma agenda feminista mais igualitária. De fato, como que imitando a arte, inaugurou-se uma campanha de *Cuidadania* em Bogotá em 2013, inspirada no livro de Belli. Já o status da Islândia, que possui o parlamento com maior igualdade de gênero do mundo, coloca a cidadania como o melhor lugar para as mulheres. Também inspira o recente projeto de lei argentino que reconhece o cuidado materno como tempo de serviço qualificado à aposentadoria. Estes são exemplos reais que confirmam a importância da literatura utópica feminista como fomentadora de discussões férteis para o real empoderamento das mulheres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após as reflexões geradas pela presente análise, foi possível considerar a utopia feminista como um dos modos de combate às ideologias masculinistas dominantes, por imaginar novas configurações sociais e políticas. A narrativa aqui enfocada promove críticas e observações significantes para discussões acerca de conceitos socialmente cristalizados, como a maternidade e o gênero, bem como as concepções de masculinidade e feminilidade que povoam o imaginário da sociedade. Desse modo, se mostra também material pertinente para outras discussões acerca da condição das mulheres, mais especificamente no contexto latino-americano, assim, colaborando para o combate à hegemonia masculina.

O olhar ampliado sobre a utopia para além do seu caráter fantasioso se revela útil como forma de se pensar o presente e o futuro, sobretudo, por se apresentar como uma

literatura capaz de dar voz e concretude às ideias e projetos de grupos socialmente desprivilegiados, tais como as mulheres negras e as lésbicas. Agregar a obra *O país das mulheres* na discussão sobre uma nova política feminista é útil na medida em que propõe novos posicionamentos e estratégias importantes ao questionamento do *status quo* à proposição de novas políticas públicas. Nesse sentido, pode-se considerar este um texto comprometido com a agenda feminista, especialmente quando se leva em conta o engajamento político de Gioconda Belli como importante representante desta luta na América Latina.

Entretanto, o projeto político imaginado por Belli não deixa de apresentar certas contradições. Esse mundo utópico pressupõe a hegemonia feminina a partir do “enfraquecimento” dos homens (inclusive de seus hormônios) bem como da inferiorização masculina (eles são passivos, bobos e continuamente confrontados em sua própria masculinidade). Trata-se, portanto, da ocupação dos locais predominantemente ocupados pelo homem na arena pública. Enfim, a simples inversão dos posicionamentos de homens e mulheres nos âmbitos público e privado, conforme propõe o texto, ainda preserva o pensamento dicotômico, exclui os homens da esfera do poder e não o distribui equanimemente entre os gêneros.

Já o recurso à sedução (como artifício de convencimento político não associado à prática sexual) referido por Baudrillard como representação simbólica associada ao feminino, corre o risco de reiterar os próprios mecanismos ideológicos que ainda aprisionam a mulher contemporânea a certos comportamentos, papéis e lugares sociais. A utopia de Belli, no entanto, imagina um mundo onde as associações convencionais entre maternidade e trabalho, sedução e poder seguem uma lógica inusitada e inspiradora.

REFERÊNCIAS

ARCANJO, Daniela. Argentina reconhece cuidado materno como trabalho para aposentadoria; entenda. **Folha de S. Paulo**, 23 de jul. de 2021. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/07/argentina-reconhece-cuidado-materno-como-trabalho-para-aposentadoria-entenda.shtml>>. Acesso em: 21 de set. de 2021.

ATWOOD, Margaret. **O conto da aia**. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2017. Tradução de Ana Deiró.

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. Disponível em: <<https://rblh.fiocruz.br/versao-digital-do-livro-de-elisabeth-badinter-um-amor-conquistado-o-mito-do-amor-materno>>. Acesso em: 22 de set. de 2021.

BAUDRILLARD, Jean. **Da Sedução**. Tradução: Tânia Pellegrini. São Paulo: Papirus. 8ª. Edição, 2008.

BELLI, Gioconda. **O país das mulheres**. 1.ed. Campinas: Verus, 2011.

BUTLER, Judith. **Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista** in Caderno de Leituras n.78. Edições Chão da Feira, 2018. Tradução de Jamille Pinheiro Dias. Disponível em: < https://chaodafeira.com/wp-content/uploads/2018/06/caderno_de_leituras_n.78-final.pdf>. Acesso em: 31 de ago. de 2021.

CLAEYS, Gregory. **The Utopia reader**. New York/ London: New York University Press, 1999.

FUNCK, Susana Bornéo. Feminismo e utopia. <i>Estudos Feministas</i>, vol. 1, no. 1, 1993, pp. 33–48. <i>JSTOR</i>. Disponível em: <www.jstor.org/stable/43904446>. Acesso em: 21 ago. de 2021.

FUNCK, Susana Bornéo. **Feminist Literary Utopias**. Florianópolis: Pós-Graduação em Inglês/ UFSC, 1998.

GIOCONDA BELLI en la ciudad de la ciudadanía. **A media cuadra**, 28 de fev. de 2013. Disponível em: <<https://tecnoblog.net/247956/referencia-site-abnt-artigos/>>. Acesso em: 29 de set. de 2021.

OEFSE – Austrian Foundation for Development Research. **Conferencia con Gioconda Belli (Spanisch)**. Youtube, 18 de nov. de 2013. Disponível em: <[>. Acesso em: 30 de set. de 2021.](https://www.youtube.com/watch?v=gvJxyMd_jjk&t=)

PASOLD, Bernadete. **Utopia x Satire in English Literature**. Florianópolis: Pós Graduação em Inglês / UFSC, 1999.

PEREZ, Caroline Criado. **Invisible women: Data bias in a world designed for men**. New York: Abram Press, 2019.

RUIC, Gabriela. O caminho da Islândia rumo à desigualdade de gênero. **Exame**, São Paulo, 2017. Disponível em: < <https://exame.com/mundo/o-caminho-da-islandia-rumo-a-igualdade-entre-homens-e-mulheres/>>. Acesso em: 22 de set. de 2021.

STEVENS, Cristina. **Maternidade e feminismo**: diálogos interdisciplinares. Florianópolis: Editora Mulheres, 2007.

WOOLF, Virginia. Profissões para mulheres. *In*: **Profissões para mulheres e outros artigos feministas**. Tradução de Denise Bottmann. Porto Alegre: L&PM, 2019. p. 09-24.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro, Nova Fronteira: 2019.